

NOSSA OPINIÃO

/// TSE aprovou a criação de mais dois partidos. Agora, são 32 no país – fartura que pode confundir o eleitor. Várias siglas se parecem

DOIS NOVOS PARTIDOS

O Brasil tem mais dois partidos políticos, nascidos antea-

tem, em plena temporada de troca-troca de legendas, visando às eleições de 2014. Apesar das denúncias de fraudes em assinaturas, o Tribunal Superior Eleitoral aprovou a criação do Solidariedade e do PROS (Partido Republicano da Ordem Social), elevando para 32 o número de siglas legítimas. Por enquanto, o total pode crescer em poucos dias, pois está em análise o registro de mais uma, a Rede de Sustentabilidade, da ex-senadora Marina Silva.

Por que e para quê tantos partidos? Que interesses estão por trás do surgimento de tantas siglas? A reflexão sobre esses questionamentos remete a diversos aspectos. O ponto central, óbvio, é o oportunismo político. Em função disso, as agremiações se parecem muito nas linhas programáticas e, algumas, por propostas ideológicas difusas, de pouca nitidez. Nesse universo, pululam as chamadas siglas de aluguel, que fazem o jogo das maiores em troca de vantagens para os seus caciques.

Esses vícios falseiam a diversidade de escolha do eleitor diante de 32 siglas. A fartura tende a confundir-lo por não distinguir claramente o que quer cada agremiação. Além disso, ele está sujeito a cair numa armadilha: votar em candidatos de um partido e beneficiar outros, por força das coligações eleitorais – fato que se repete a cada pleito, e que é muito danoso à democracia.

Essa situação esdrúxula se sustenta no conteúdo permissivo da legislação eleitoral. A volta de um sistema de barreiras, com percentual mínimo de votos em cada estado, e proibição das coligações partidárias em todas as eleições por certo refinaria o cenário partidário e daria mais legitimidade à composição das casas legislativas federal, estaduais e municipais.

É necessária uma reforma política que trate diretamente dessas questões. Mas a sociedade não deve continuar a esperar que a iniciativa parta dos que estão no poder. O caminho para a mudança é a aprovação de projeto de lei de autoria popular. É indispensável a mobilização.



EU DIGO QUE...

“Não tenho dúvidas de que ela participou do crime”

Carlos Eduardo Campos Magalhães Filho de Giselma Magalhães, acusando a própria mãe de ser a mandante do assassinato do pai, Humberto, diretor da empresa Friboi

“Foi um discurso cínico, repleto de hipocrisia. É exatamente o plano iraniano, falar e ganhar tempo a fim de promover a capacidade do Irã em obter armas nucleares”

Benjamin Netanyahu Primeiro-ministro israelense, comentando o discurso na Assembleia-Geral da ONU do presidente iraniano Hassan Rouhani, que negou que seu país esteja tentando construir armas nucleares e diz que seu programa é para fins pacíficos

Matheus Albergaria de Magalhães

É professor da Fucape Business School Site: https://sites.google.com/site/malbergariademagalhaes/

/// Experimentos econômicos poderiam ser utilizados como nova fonte de informações para empresas e governo. Uma alternativa a pesquisas de opinião

Uma nova experiência

Nas últimas décadas, os economistas vêm utilizando um novo instrumental para análise de problemas socioeconômicos. No caso, faço referência aos experimentos controlados, onde procuramos observar as reações de participantes voluntários, em ambientes simulados, aos mais variados estímulos. Recentemente, realizei um experimento com alunos do curso de Economia da Fucape Business School.

Estava interessado em testar a ocorrência de inconsistências relacionadas a processos de votação (“votação cíclica”). Pedi aos alunos que preenchessem um formulário listando, em ordem decrescente de importância, os três maiores problemas socioeconômicos enfrentados pela sociedade capixaba atualidade.

Especifiquei que teriam apenas três alternativas dentre as quais poderiam escolher: (1) o fim do Fundap; (2) a questão dos royalties do petróleo e (3) a situação da segurança pública no Estado. Para acrescentar um pouco de realismo ao experimento, disse que o problema escolhido pela turma seria discutido em uma importante reunião de governo naquela semana.

Os resultados obtidos a partir desta experiência foram, em certo sentido, reveladores. Especificamente, não conseguimos notar a ocorrência do problema de votação cíclica. Ainda assim, quando comparamos as alternativas “Fundap” e “royalties”, ganha a primeira. O resultado demonstra que os participantes envolvidos tendem a considerar questões referentes ao Fundap como mais importantes do que aquelas referentes aos royalties do petróleo.

Por outro lado, ocorreram dois empates interessantes: um entre as alternativas “Fundap” e “segurança”, outro entre “royalties” e “segurança”. Notamos que os participantes julgam os temas citados como igualmente importantes, com especial destaque para questões de segurança pública, que sempre aparece como resultado das votações simuladas em sala.

Os resultados deste experimento fornecem um primeiro sinal acerca das maiores preocupações de parte da próxima geração de tomadores de decisão do Estado.

Seria interessante pensarmos em repetir situações em moldes semelhantes, mas envolvendo maiores grupos de participantes, pois experimentos econômicos poderiam ser utilizados como uma nova fonte de informações para empresas e governo, representando uma alternativa a pesquisas de opinião, uma vez que simulam, de maneira realista e coerente, situações com importantes impactos socioeconômicos.

HÁ 50 ANOS

FOTO: PROJETO ACERVO DIGITAL / WWW.AGENCIAAG.COM.BR



Mercado da Vila Rubim, o templo da desorganização em Vitória

Não foge à observação de ninguém a desorganização reinante no maior centro de distribuição de gêneros da cidade, o esquedo Mercado da Vila Rubim. Já houve quem pensasse em uma solução, tomando inclusive sérias e custosas providências para que o problema deixasse de existir para o vitoriense, com a construção de um moderno supermercado. O quadro é de tristeza e desolação.